

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



AUDIODESCRIÇÃO
DOS PAINEIS:



CONFIRA TAMBÉM O
DOCUMENTÁRIO:



PROPONENTE:



REALIZAÇÃO:



Fundação
Catarinense
de cultura

GOVERNO DE
SANTA
CATARINA

Projeto realizado pelo Governo do estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/ Patrimônio e Paisagem Cultural – Edição 2021

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Artur Marcolino Braga.



Artur Marcolino Braga.

“O puxirão, ia cada um com a sua foice [...] Em meio dia, a turma ‘pelava’ aquelas lombas pra depois ir pro churrasco e, de noite, tinha o baile. Faziam no chão batido e a turma dançava que chegava levantar a ‘cerração!’”.

Artur Marcolino Braga

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Vista interna da casa de chão batido do Centro de Memória Vargeonense.



Pedro Fidelis explicando como utilizava o pilão.

O município de Vargeão dispõe de um Centro de Memória e Cultura. Nele, além de um memorial e de uma sala temática sobre a colonização italiana, há um espaço dedicado à cultura e à tradição cabocla, que conta com a réplica de uma casa de chão batido, típica das famílias que povoaram a região.

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da
cultura cabocla da localidade e região



Salete Marques.



Salete Marques com antigo ferro de passar.

*“A minha mãe teve
doze filhos. Ela
trabalhava na roça,
nas lavouras, na erva
[...] E nós também,
trabalhamos desde
criança”.*

Salete Marques

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Eleonor Santana e Lúcia Ribeiro Santana.



Eleonor Santana.

“Quando eu cheguei em Vargeão, era tudo mato. Tinha umas três, quatro casinhas na cidade [...] Eram umas estradas velhas de chão, tinha só um ônibus que passava aqui, que levava o pessoal até pro Rio Grande do Sul”.

Eleonor Santana

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Eva Santana Fidelis e Pedro Fidelis.



Lúcia Ribeiro Santana e Eleonor Santana.

“Nós ‘tocava’ de trabalhar. Nem estudamos direito, pra ajudar a trazer o que comer pra dentro de casa”.

Lúcia Ribeiro Santana

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Vista parcial de Vargeão. Data desconhecida.



José Antonio Bonan.

“Os caboclos tinham os ranchinhos deles, aí eles faziam a rocinha deles, derrubavam um pouco de mato e plantavam milho e feijão, principalmente [...] Não havia propriamente cidade de Vargeão. Era uma estrada e tinha algumas ruas traçadas porque quem colonizou essa região foi uma empresa de Caxias do Sul, Ângelo de Carli e Irmãos, e eles tinham os lotes traçados”.

**José Antonio Bonan,
1º Prefeito de Vargeão**

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Adão Rosa e esposa.



Adão Rosa.

"Tinha esteira de taquara, esteira de capim, folha de palmeira... Quem diz que a folha de palmeira dá 'coberto' de casa? Dá sim".

Adão Rosa, ao falar sobre os primeiros ranchinhos da família

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Teresa Lemos Marques.



Figuras religiosas no altar de dona Teresa.

“Minha tia benzia o pessoal e eu escutava. Eu não saía de perto dela. Então, o que ela sabia, eu sabia também. Sabia e sei!”.

Teresa Lemos Marques

Centro de Memória e Cultura Vargeonense

Preservação da história e dos acervos da cultura cabocla da localidade e região



Arlene Renk.



Arlene Renk.

“Tínhamos gente que vinha do Paraguai, tinha gente que era descendente de escravos, mas o que menos interessava para mim era se ele era descendente de negro ou de índio. O importante era o que ele considerava ser caboclo. E ser caboclo era ser diferente, era mostrar que era contrastivo ao colonizador, isso era ser caboclo. Então, poderia ter, eventualmente, um branco, digamos. Ser caboclo era não ser colonizador”.

Arlene Renk, antropóloga, autora da obra “A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense”